

Deserdados pedem atenção

Sem tempo ou dinheiro, eles reclamam e querem ir à TV

CELSON FRANCO
Da Editoria de Política

Eles andam por aí, sem muito dinheiro, fazendo comício, participando de reuniões, distribuindo santinhos — há até um padre, casado, nessa caravana de deserdados — na vã esperança de que a sorte também cumpra o seu papel nas eleições de 15 de novembro.

São os candidatos sem tempo, os desconhecidos quixotes do processo eleitoral de Brasília, que reivindicam um minuto que seja na televisão, “só para apresentar os nossos retratos e nossos nomes, a gente não precisa nem falar...”.

Falaram ontem com Ulysses Guimarães. Desceram do TRE em passeata — uma caravana de 15 carros, alguns com risco de ficar pelo caminho — até o Congresso Nacional, para comover o presidente do PMDB a lhes ceder “um minutinho só” do tempo do partido aos candidatos do PND (Partido Nacionalista Democrático) e do PCN (Partido Comunitário Nacional).

Nem os amigos acreditam neles. Duvidam que Nilza Carneiro, farmacêutica e chefe do laboratório de análises clínicas da Câmara, esteja disputando uma vaga na Constituinte. Alguns não têm fé que o padre Lúcio pretenda uma cadeira no Senado. Outros não crêem que Beatriz Soares se proponha a defender a mulher com um mandato de deputada. Afinal, eles não aparecem na televisão.

Mas querem. Aham que Brasília, por eleger representantes pela primeira vez, deveria ter uma legislação específica, diferente das normas eleitorais para os outros Estados. Argumentam, em defesa de sua reivindicação, que a representação do Distrito Federal difere das outras, que até a cédula a ser usada nas eleições Brasília não é como as demais.

A distribuição do tempo de propaganda na televisão e no rádio, segundo eles, também deveria ser diferente do que acontece nas diversas unidades da Federação. E observam que o critério de representação no Congresso, para obtenção de um espaço na propaganda gratuita, “é um absurdo, porque nós nunca ti-

vemos eleições”.

Também acham que a legislação eleitoral é antidemocrática, “uma mordada que não conseguimos tirar”. Entendem que “se deram liberdade para a criação de novos partidos, deveriam também dar condição para que esses partidos digam ao que vieram”.

Os candidatos diriam, como Nilza Carneiro, por exemplo, que aparece de costas em seu cartaz de propaganda: “Ela jamais ficará de costas para você, se for eleita”. Nilza, do PND, conta que resolveu ser candidata porque “eu trabalho há 20 anos na Câmara e tenho muito acesso aos parlamentares, todos os meus amigos acham que tenho condição para resolver qualquer tipo de problema, por causa desse acesso aos parlamentares”.

Beatriz Soares, “a defensora das mulheres” e também do PND, jornalista, diz: “fui taquígrafa parlamentar durante 11 anos, ouvi discurso que não foi brincadeira, sempre fui redatora política, então isso entra no sangue, eu aprendi a fazer política”.

Ressalta que pretende defender a mulher, que “a mulher é muito discriminada”, frisa que “como política posso ajudar mais as pessoas” e faz planos: “se eu perder essa eleição vou me candidatar ao governo do Distrito Federal”.

O padre Lúcio — nome que traz do tempo em que ainda usava batina, como primeiro capelão da GEB (Guarda Especial de Brasília) — já foi candidato ao Senado em 1960, pela PSP. “O partido do Ademar de Barros, ele foi me buscar na minha casa”, lembra.

Hoje padre Lúcio não usa mais batina, está casado e se chama Lúcio Rennó. Mas disputa novamente uma vaga no Senado Federal, pelo Partido Nacionalista Democrático, fazendo uma “campanha de mineiro, no silêncio, no pé-de-ouvido”. Até que Ulysses Guimarães lhe consiga um tempinho na televisão.

O presidente do PMDB prometeu, pelo menos, falar com Milton Seligman, presidente do partido no Distrito Federal. E escapou da ira de uma candidata, que pediu a uma jornalista: “Se ele não nos atender, você tem que ripar”.

ADAUTO CRUZ



Na passeata do TRE ao Congresso, candidatos reivindicam espaço